

Ana Frankenberg-Garcia

*Instituto Superior de Línguas e
Administração - ISLA, Portugal*
ana.frankenberg@gmail.com

UTILIZAÇÃO DE EMPRÉSTIMOS NA TRADUÇÃO LITERÁRIA

RESUMO

O uso de empréstimos é um tema envolto em controvérsia. Os falantes de uma língua recorrem a palavras estrangeiras ora quando não conseguem encontrar um equivalente na sua própria língua, ora quando querem, propositadamente, evocar significados que ultrapassam os meros significados proposicionais das palavras utilizadas. Enquanto o primeiro caso é frequentemente associado a um empobrecimento linguístico, o uso intencional de empréstimos pode também ser sinal de erudição e enriquecimento da língua. No entanto, não parece haver muitos estudos sobre o uso de palavras estrangeiras na tradução. As referências existentes mencionam apenas o uso de empréstimos como estratégia para se lidar com conceitos difíceis de traduzir, ou como maneira de ser preservar valores culturais da língua-fonte. Pouco se sabe sobre a relação entre o uso de empréstimos na língua-fonte e na língua-alvo. Até que ponto diferem? Neste trabalho, analisou-se o uso de empréstimos num corpus eletrónico de literatura original e traduzida. A análise centra-se na frequência dos empréstimos e na sua distribuição por língua.

Palavras-Chave: empréstimos; tradução literária; corpora; português; inglês.

ABSTRACT

The use of loan words has always been a theme surrounded by controversy. Speakers of one language may use words belonging to another language when they fail to retrieve an equivalent way of expressing the same concept in their own language, or they may use loan words on purpose, to evoke meanings that go beyond the mere propositional content of the words used. While the former is seen by purists as a sign of language impoverishment and loss, the latter is frequently associated with erudition and language enrichment. There do not seem to be many studies, however, on the use of loan words in translation. In fact, in translation, loan words only seem to be referred to as a means of dealing with culture-bound concepts or of respecting the source-text language culture. Little has been said about the relationship between loan words in source texts and translations. How different are translations from source texts in their use of loans? In the present study, I examine the use of loan words in a computerized corpus of original and translated literature. The analysis focuses on the frequency and language distribution of loans.

Keywords: loan words; literary translation; corpora; Portuguese; English.

UNIBERO
Centro Universitário Ibero-Americano

Contato
rc.ipade@unianhanguera.edu.br

Artigo Original
Recebido em: 17/7/2009
Avaliado em: 10/8/2009

Publicação: 30 de setembro de 2009

1. INTRODUÇÃO

A utilização de palavras estrangeiras tem sido desde sempre um tema envolto em controvérsia. Os falantes de uma língua recorrem a empréstimos ora quando não conseguem encontrar um equivalente na sua própria língua, ora quando querem, propositadamente, evocar significados que ultrapassam os meros significados proposicionais das palavras utilizadas. Enquanto o primeiro caso é frequentemente associado a um empobrecimento linguístico, o uso intencional de empréstimos pode também ser sinal de erudição e enriquecimento da língua.

Em algumas comunidades linguísticas, existem também certas atitudes generalizadas em relação aos empréstimos. Na França, por exemplo, existe uma legislação específica para travar o uso de palavras estrangeiras (a lei Bas-Lauriol de 1975 e a lei Toubon de 1994). Entre os holandeses, no entanto, o uso de palavras estrangeiras, em especial da língua inglesa, não é visto como uma ameaça (Booij, 2001).

Se nos voltarmos para a escassa literatura existente sobre o uso de palavras estrangeiras na tradução, veremos que os empréstimos são geralmente resultado de uma estratégia para se lidar com conceitos culturais de difícil tradução ou de uma maneira deliberada de preservar a cultura da língua-fonte. Existe alguma divergência, no entanto, em relação às recomendações acerca do uso de palavras estrangeiras numa tradução. Segundo Vinay e Darbelnet (1958), os *emprunts* servem para preencher os vazios semânticos da língua de chegada ou para acrescentar um sabor estrangeiro ao texto traduzido, e são a maneira mais fácil (embora não necessariamente melhor) de se lidar com conceitos culturais específicos, sem equivalentes tradutórios. Newmark (1988, p. 82) recomenda muita cautela na transferência direta, sem tradução, de palavras do texto fonte para o texto traduzido, alertando para o fato de que a função primordial do tradutor é traduzir. Venuti (1995) refere que, na atual tradição anglo-saxônica, a literatura traduzida só tem sucesso comercial quando "domesticada" ao ponto de não parecer mais uma tradução, e afirma que evitar o uso de palavras estrangeiras é um fator de domesticação. No entanto, a posição de Venuti assemelha-se à de Schleiermacher (1813): em matéria de tradução literária, ambos são contra a domesticação e a favor da manutenção de um tom estrangeiro na literatura traduzida.

Outro fator que poderá afetar as decisões de um tradutor relativamente ao recurso à transferência direta, sem tradução, de palavras do texto-fonte é o estatuto, em termos de prestígio e hegemonia, das línguas e culturas envolvidas na tradução. De acordo com Toury (1995, p. 278), toleramos melhor a interferência linguística e cultural - e

aqui se inclui interferência de palavras estrangeiras - quando a tradução se dá de uma língua e cultura mais hegemônica ou de maior prestígio para uma língua menor, menos conhecida.

Independentemente de todos estes fatores, isto é, do estatuto da língua-fonte e da língua-alvo, da comunidade linguística em que se insere a tradução e das decisões individuais de cada tradutor face a palavras sem equivalentes tradutórios ou palavras deliberadamente não traduzidas, é importante ter em conta que o uso de empréstimos ou de palavras estrangeiras não é prerrogativa das traduções. Portanto, numa análise sobre o uso de empréstimos na tradução, é preciso avaliar o uso de palavras estrangeiras na língua não traduzida. Só assim será possível vislumbrar o que é próprio da tradução. No entanto, ainda não parece haver nenhum estudo que compare o uso de palavras estrangeiras nas traduções e nos textos que não são traduções. Haverá mais empréstimos nas traduções? Será que uma eventual sobreposição de línguas num texto-fonte se dilui quando este é traduzido? A diferença de estatuto entre a língua-fonte e a língua-alvo afetará o uso de empréstimos?

Estas questões perfazem o ponto de partida deste trabalho. Numa tentativa de respondê-las, utilizou-se o *corpus* COMPARA (<http://www.linguateca.pt/COMPARA/>) para analisar o uso de palavras estrangeiras em originais e traduções literárias em português e inglês. O estudo centra-se na frequência de utilização e na distribuição por língua das palavras estrangeiras utilizadas no corpus. Trata-se de uma análise exploratória, e espero com ela contribuir para o nosso conhecimento sobre o uso de empréstimos na tradução literária.

2. MÉTODO

2.1. Seleção de textos

O COMPARA é um corpus paralelo bidirecional de textos literários em português e inglês (Frankenberg-Garcia & Santos, 2001). O estudo tem como base a versão 6.0 do corpus, com aproximadamente dois milhões de palavras oriundas de excertos de 56 pares original-tradução. Embora quase todas as traduções do corpus sejam recentes, os originais possuem datas de publicação muito díspares, que variam entre 1837 e 2000. Ao invés de utilizar todos os textos do corpus, optou-se por restringir a análise de modo a incluir apenas os textos mais recentes, uma vez que a utilização de palavras estrangeiras pode modificar-se com o tempo, com a acomodação de algumas palavras e a vernaculização de

outras. Assim sendo, neste estudo foram utilizados apenas os textos do corpus publicados a partir de 1975.

Os Quadros 1 e 2 mostram os textos do corpus que obedecem a este critério: 15 originais em língua portuguesa, 13 originais em língua inglesa, 15 traduções para português e 15 traduções para inglês. Embora todos os textos selecionados tenham sido publicados após 1975, convém notar que nem todos contam histórias que se passam na época atual. Por exemplo, o romance PPMC1 tem lugar no século III, o EURZ1 passa-se no século XVI e o EJB2 começa com a Arca de Noé. Também é importante mencionar que embora todos os textos-fonte tenham sido redigidos originalmente em português e em inglês, nem todas as tramas se passam em países onde se falam essas línguas. O PBPC1 tem lugar na Espanha e no Norte da África, o EBJT2 inclui cenas na Espanha e o EJB1 é praticamente todo passado na França. Embora esses fatores possam naturalmente afetar a maneira como são usados os empréstimos linguísticos, fenômenos como esses são típicos da literatura. Não faria sentido excluir esses textos apenas porque os seus enredos não se situam em países de língua portuguesa e inglesa nos dias de hoje. O que interessa aqui é que são textos de autores de língua portuguesa e inglesa contemporâneos, lidos por leitores de língua inglesa e portuguesa dos dias de hoje.

Esclarecida esta questão, convém notar que o lado inglês da amostra utilizada reflete o trabalho de cinco autores e dez tradutores, enquanto do lado português estão representados doze autores e onze tradutores. Portanto, é possível que haja mais diferenças individuais na amostra de língua portuguesa.

Outro fator que não pode deixar de ser mencionado é o desequilíbrio do sub-corpus utilizado em termos de variante do português e do inglês, no qual estão representados, em proporções muito diferentes, o português do Brasil, de Portugal, de Moçambique e de Angola, e o inglês do Reino Unido, da África do Sul e dos Estados Unidos. Embora se reconheça que não só é possível como também provável que as diferentes variantes do português e do inglês façam usos diferentes dos empréstimos, o nível de detalhamento exigido para uma análise por variante linguística está fora do alcance deste estudo. Contudo que não se percam de vista estas advertências, uma análise pormenorizada dos dados disponíveis poderá ajudar a compreender melhor a utilização de empréstimos na tradução literária contemporânea em língua portuguesa e inglesa.

Quadro 1 – Originais em língua portuguesa e suas traduções para inglês.

ID TO-TT	Autor/Texto original (TO)	Data TO	Tradutor/Texto traduzido (TT)	Data TT
PBAD2	Austran Dourado <i>Os Sinos da Agonia</i>	1975	John Parker <i>The Bells of Agony</i>	1988
PPCP1	Cardoso Pires <i>Balada da Praia dos Cães</i>	1983	Mary Fitton <i>Ballad of Dog's Beach</i>	1986
PBCB1	Chico Buarque <i>Benjamim</i>	1995	Cliff Landers <i>Benjamin</i>	1997
PPJS1	Jorge de Sena <i>Sinais de Fogo</i>	1978	John Byrne <i>Signs of Fire</i>	1999
PPJSA1	José Saramago <i>Ensaio Sobre a Cegueira</i>	1995	Giovanni Pontiero <i>Blindness</i>	1997
PAJA1	J. Eduardo Agualusa <i>A Feira dos Assombrados</i>	1992	Richard Zenith <i>Shadowntown</i>	1994
PBMR1	Marcos Rey <i>Memórias de um Gigolô</i>	1986	Cliff Landers <i>Memoirs of a Gigolo</i>	1987
PPMC1	Mário de Carvalho <i>Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde</i>	1994	Gregory Rabassa <i>A God Strolling in the Cool of the Evening</i>	1997
PPMC1	Mia Couto <i>Vozes Anotecidas</i>	1987	David Brookshaw <i>Voices Made Night</i>	1990
PPMC2	Mia Couto <i>Cada Homem é uma Raça</i>	1990	David Brookshaw <i>Every Man is a Race</i>	1993
PBPM1	Patrícia Melo <i>O Elogio da Mentira</i>	1988	Cliff Landers <i>In Praise of Lies</i>	1999
PBPC2	Paulo Coelho <i>O Diário de um Mago</i>	1987	Alan Clarke <i>The Pilgrimage</i>	1992
PBPC1	Paulo Coelho <i>O Alquimista</i>	1988	Alan Clarke <i>The Alchemist</i>	1993
PBRF2	Rubem Fonseca <i>A Grande Arte</i>	1983	Ellen Watson <i>High Art</i>	1987
PBRF1	Rubem Fonseca <i>Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos</i>	1988	Cliff Landers <i>The Lost Manuscript</i>	1997

Quadro 2 – Originais em língua inglesa e suas traduções para português.

ID TO-TT	Autor/Texto original (TO)	Data TO	Tradutor/Texto traduzido (TT)	Data TT
EBDL1T1	David Lodge <i>Therapy</i>	1995	M. Carmo Figueira <i>Terapia</i>	1997
EBDL1T2			Lídia C-Luther <i>Terapia</i>	1995
EBDL3T1	David Lodge <i>Changing Places</i>	1975	Helena Cardoso <i>A Troca</i>	1995
EBDL3T2			Lídia C-Luther <i>Invertendo os Papéis</i>	1998
EBDL5	David Lodge <i>Paradise News</i>	1991	Carlos G. Babo <i>Notícias do Paraíso</i>	1992
EBDL2	David Lodge <i>Nice Work</i>	1989	M. Carlota Pracana <i>Um almoço nunca é de graça</i>	1996
EBDL4	David Lodge <i>How Far Can You Go?</i>	1980	Helena Cardoso <i>How Far Can You Go?</i>	1997
EBJT1	Joanna Trollope <i>Next of kin</i>	1996	Ana F. Bastos <i>Parentes próximos</i>	1998
EBJT2	Joanna Trollope <i>A Spanish Lover</i>	1993	Ana F. Bastos <i>Um Amante Espanhol</i>	1999
EBJB1	Julian Barnes <i>Flaubert's parrot</i>	1989	José Lima <i>O papagaio de Flaubert</i>	1990
EBJB2	Julian Barnes <i>A History of the World in 10 ½ Chapters</i>	1984	Ana M. Amador <i>A História do Mundo em 10 Capítulos e ½</i>	1988
ESNG2	Nadine Gordimer <i>Burger's Daughter</i>	1979	J. Teixeira Aguiar <i>A filha de Burger</i>	1992
ESNG3	Nadine Gordimer <i>July's People</i>	1981	Paula Reis <i>A Gente de July</i>	1986
ESNG1	Nadine Gordimer <i>My Son's Story</i>	1990	Geraldo G. Ferraz <i>A História do Meu Filho</i>	1992
EURZ1	Richard Zimler <i>The Last Kabbalist of Lisbon</i>	1998	José Lima <i>O Último Cabalista de Lisboa</i>	1996

2.2. Contagem dos empréstimos

A pesquisa avançada do corpus COMPARA dá acesso a uma busca automática das palavras estrangeiras. No entanto, convém notar que as fronteiras que separam o que um autor ou tradutor (sem falar no compilador do corpus) considera ser uma palavra estrangeira não são facilmente distinguíveis (Frankenberg-Garcia & Santos, 2003, p. 79). No caso específico do COMPARA, consideraram-se apenas as palavras estrangeiras que o autor ou tradutor grifou em itálico. Por exemplo, se no mesmo texto as palavras francesas *coupé* e *décolletage* não estiverem em itálico, mas as palavras *manqué* e *passé* estiverem,

apenas as duas últimas serão consideradas estrangeiras. A etiquetagem das palavras estrangeiras baseia-se portanto nos critérios individuais dos autores, tradutores e editores representados no COMPARA, que consideraram certas palavras suficientemente estranhas ao português ou ao inglês para merecerem a grafia em itálico. Assim sendo, na análise automática das palavras estrangeiras não há nenhuma interferência dos juízos pessoais dos compiladores e utilizadores do corpus.

Note-se que isso faz com que a mesma palavra possa ser etiquetada como estrangeira em alguns textos do corpus mas não em outros. Por exemplo, a palavra *robot*, de origem checa, foi considerada estrangeira nos textos portugueses do corpus (porque aparecia em itálico) mas não nos textos em inglês, onde a palavra parece já ter sido totalmente incorporada à língua inglesa. Contudo, até na mesma língua existem divergências em relação ao que é considerado uma palavra estrangeira. O substantivo *jeans*, por exemplo, encontra-se etiquetado em dez textos em português (nove originais e uma tradução), mas em três textos (uma tradução e dois originais) a palavra não foi grafada em itálico e, portanto, não conta como sendo estrangeira. Enquanto no primeiro caso *jeans* foi classificado como um empréstimo, no segundo caso considera-se que a palavra foi acomodada à língua portuguesa. Esse exemplo não é trivial e ilustra muito bem as divergências existentes no seio de uma mesma comunidade linguística, servindo também para enfatizar o fato de que o presente estudo não utiliza parâmetros externos na definição de palavras estrangeiras, mas reflete as posições tomadas pelos autores, tradutores e editores representados no corpus.

Também cabe aqui dizer que embora a convenção seja manter no original os títulos de obras literárias, peças de teatro, filmes, canções, nomes de instituições, entre outros, que não possuam uma tradução oficial na língua de chegada (Newmark, 1988), isso não foi levado em conta neste trabalho. Assim sendo, títulos não traduzidos, como *L'année dernière à Marienbad* e entidades mencionadas, ou seja, nomes próprios referentes a pessoas, localidades geográficas, produtos e instituições, tais como *Radio One* e *Snakes and Ladders* (sem tradução no português) foram excluídos do estudo. Em suma, apenas as palavras numa língua diferente da língua da principal do texto não classificadas como títulos ou como entidades mencionadas foram levadas em conta. Como o software associado ao COMPARA não faz esse filtro automaticamente, as concordâncias contendo títulos e entidades mencionadas não traduzidos tiveram de ser excluídas manualmente.

Tendo definido o que foi considerado um empréstimo, é preciso deixar claro como foram feitas as contagens. As expressões multipalavras foram contadas apenas uma vez, tal como uma palavra isolada. Por exemplo:

EBJB2
 ...he was going to get the best **quid pro quo** out of God in the forthcoming negotiations.
 = 1 empréstimo

EBJT2
 `I shall bring **tapas** also,' José said, moving towards the door.
 = 1 empréstimo

EBDL4
 Between the chicken **alla cacciatore** and the **zabaglione** he reached across the table and covered her hand with his.
 = 2 empréstimos

As citações não traduzidas também foram registradas como um único empréstimo:

EURZ1
 ...a weedy boy with pale-green eyes yells at her in a prideful voice, «**Vai-te foder, vaca!**, fuck off, cow!»
 = 1 empréstimo

EBJB1
 ...he found himself constantly irritated by a parrot which screamed, `**As-tu déjeuné, Jako?**` and `**Cocu, mon petit coco.**`
 = 2 empréstimos

No entanto, nas listas de palavras estrangeiras, cada palavra foi contada separadamente:

PBPM1
Urutus, jararacas, cascavéis, jararacuçus, surucutingas, cotiaras -- I saw these and many other serpents in the slides that Melissa projected during her talk.
 = 6 empréstimos

As repetições também foram computadas separadamente:

EBJT2
 `The little eggs of the **codoniz**, what is the **codoniz?**`
 = 2 empréstimos

2.3. Classificação dos empréstimos

Após as contagens, os empréstimos foram classificados por língua. Ao fazê-lo, foi importante ter acesso ao contexto em que se inseriam. Isso porque, desprovidas de contexto, as línguas dos empréstimos podem ser facilmente confundidas. Por exemplo, a palavra *lei*, que a princípio pareceu ser do italiano, afinal provinha da língua havaiana, uma vez que o enredo se passava no Havaí e o contexto permitiu interpretá-la como o colar de flores típico dessa ilha. Da mesma forma, a palavra *querida* num texto inglês podia ser facilmente interpretada como um empréstimo do português. No entanto, como

a palavra vinha de um personagem espanhol e a cena se passava na Espanha, ficou claro que o empréstimo provinha do espanhol.

O critério utilizado na classificação das línguas dos empréstimos baseou-se na origem das palavras, e não na maneira como o empréstimo foi adquirido. Por exemplo, o empréstimo *robot* num texto em português foi classificado como sendo de origem checa, embora possa ter sido assimilado pelo português indiretamente através do inglês ou do francês.

3. RESULTADOS

3.1. Distribuição dos empréstimos

A distribuição dos empréstimos em português e inglês traduzido e não traduzido encontra-se resumida nos Quadros 3 a 6. Como a extensão dos excertos do corpus não é uniforme (Frankenberg-Garcia & Santos, 2003), apresenta-se também o total de palavras de cada texto.

3.1.1 *Empréstimos em português e inglês original*

Os resultados mostram que apenas um dos originais em língua inglesa não contém empréstimos, enquanto nos originais em língua portuguesa mais de metade dos textos não recorreu ao uso de palavras estrangeiras. Em conjunto, os originais ingleses apresentam acima de onze vezes mais empréstimos do que os originais em língua portuguesa. A amostra sugere que a literatura original em língua inglesa parece ser mais permeável ao uso de palavras estrangeiras do que os textos literários em português original.

3.1.2 *Empréstimos em português e inglês traduzido*

Nos resultados apresentados, vê-se que todas as traduções para português contêm empréstimos, enquanto um terço das traduções para a língua inglesa usa apenas palavras em inglês. Somadas, as traduções para português apresentam quase seis vezes mais empréstimos do que as traduções para inglês. Esses resultados poderiam ser um indício de que, na literatura traduzida, quem lê em português fica mais exposto a palavras estrangeiras do que quem lê em inglês.

Quadro 3 – (a) Distribuição dos empréstimos em português original.
(b) Distribuição dos empréstimos nas traduções para inglês.

Originais em português	palavras	empréstimos	Traduções para inglês	palavras	empréstimos
PPJS1	42471	1	PPJS1	52128	3
PBRF2	31058	0	PBRF2	33609	26
PBRF1	27451	1	PBRF1	31099	16
PBMR1	18466	22	PBMR1	21669	16
PPMC1	20833	0	PPMC1	23532	0
PBPC2	18341	1	PBPC2	20310	0
PMMC2	9925	0	PMMC2	12789	10
PBPM1	12401	10	PBPM1	14206	20
PPCP1	14892	7	PPCP1	12837	14
PPJSA1	29227	0	PPJSA1	33276	0
PBPC1	9933	0	PBPC1	11124	0
PMMC1	6076	0	PMMC1	12789	14
PBCB1	10605	0	PBCB1	11806	0
PAJA1	1803	0	PAJA1	1860	2
PBAD2	23761	0	PBAD2	19288	7
Total	277243	42	Total	312322	128
Empréstimos por 10 mil palavras		1.5	Empréstimos por 10 mil palavras		4.1

Quadro 4 – (a) Distribuição dos empréstimos em inglês original.
(b) Distribuição dos empréstimos nas traduções para português.

Originais em inglês	palavras	empréstimos	Traduções para português	palavras	empréstimos
EURZ1	36045	117	EURZ1	37166	150
EBJT2	32302	19	EBJT2	29636	37
EBDL1	37675	18	EBDL1T2	39112	155
EBJT1	28106	0	EBDL1T1	38980	130
EBDL3	25488	6	EBJT1	27171	54
EBDL5	27516	17	EBDL3T1	24295	28
ESNG2	35211	6	EBDL3T2	26262	42
EBDL2	24547	14	EBDL5	28075	75
EBJB2	28146	66	ESNG2	37198	58
EBDL4	29425	12	EBDL2	24432	62
EBJB1	18524	32	EBJB2	29933	82
ESNG3	14517	13	EBDL4	27613	40
ESNG1	14027	4	EBJB1	17777	40
Total	351529	324	Total	415690	1012
Empréstimos por 10 mil palavras		16.9	Empréstimos por 10 mil palavras		24.3

3.1.3 Empréstimos em português original e português traduzido

As traduções para português contêm em média acima de 16 vezes mais empréstimos do que os originais em português. As diferenças entre ler um original e ler uma tradução em português parecem ser muito marcantes quanto ao contato do leitor com palavras de outras línguas, fazendo que as traduções apresentem um tom notavelmente estrangeiro.

3.1.4 Empréstimos em inglês original e inglês traduzido

Os originais ingleses contêm em média um pouco mais de quatro vezes mais empréstimos do que as traduções para essa língua. Ao contrário dos leitores de língua portuguesa, à primeira vista parece ser através de literatura não traduzida que os leitores de língua inglesa têm mais contato com palavras estrangeiras. O uso relativamente escasso de empréstimos nas traduções para inglês pode contribuir para que essas traduções não possuam um carácter particularmente forâneo.

3.2. Comparação dos empréstimos de originais para traduções

Os resultados globais apresentados até agora indicam que os empréstimos têm maior penetração no português através da literatura traduzida do que da literatura original e que, no inglês, ocorre exatamente o contrário. Seríamos tentados a concluir que os autores das traduções para português tendem ao que Venuti (1995) chama de *foreignization*, expondo os leitores a palavras estrangeiras, enquanto os seus colegas que traduzem para inglês procuram domesticar a tradução, protegendo os leitores de palavras que não pertençam à língua inglesa. No entanto, esta seria uma conclusão precipitada, uma vez que ainda não exploramos o que acontece aos empréstimos presentes nos originais ao passar pelo processo tradutório. Essa informação encontra-se resumida nos Quadros 5 e 6.

Se repararmos no total de empréstimos utilizados nos originais e nas traduções, veremos que, em média, tanto as traduções para português como as traduções para inglês triplicaram o número de empréstimos já existentes nos originais. Se olharmos para cada par original-tradução individualmente, constataremos que 14 das 15 traduções para português aumentaram o número de empréstimos existentes nos originais em língua inglesa, e o mesmo aconteceu com 9 das 15 traduções de português para inglês. Esses resultados aparentemente contradizem a idéia de que os autores das traduções para inglês procuram proteger os seus leitores das palavras estrangeiras. Ainda que as traduções inglesas contenham menos empréstimos do que os originais nessa língua, parece ser o escasso uso de empréstimos nos originais em português que faz que as traduções para inglês contenham menos palavras estrangeiras.

Quadro 5 – Distribuição dos empréstimos de originais ingleses para traduções portuguesas.

ID TO-TT	Empréstimos TO	Empréstimos TT	Diferença total	Empréstimos mantidos	Empréstimos adicionados	Empréstimos removidos
EURZ1	117	150	33	98	52	19
EBJT2	19	37	18	13	24	6
EBDL1T2	18	155	137	17	138	1
EBDL1T1	18	130	112	16	114	2
EBJT1	0	54	54	0	54	0
EBDL3T1	6	28	22	6	22	0
EBDL3T2	6	42	36	4	38	2
EBDL5	17	75	58	15	60	2
ESNG2	6	58	52	6	52	0
EBDL2	14	62	48	12	50	2
EBJB2	66	82	16	65	17	1
EBDL4	12	40	28	9	31	3
EBJB1	32	40	8	31	9	1
ESNG3	13	57	44	13	44	0
ESNG1	4	2	-2	2	0	2
Total	324	1012	664	307	705	41
Média	21.6	67.5	44.3	20.5	47	2.7

Quadro 6 – Distribuição dos empréstimos de originais portugueses para traduções inglesas.

IDTO-TT	Empréstimos TO	Empréstimos TT	Diferença total	Empréstimos mantidos	Empréstimos adicionados	Empréstimos removidos
PPJS1	1	3	2	0	3	1
PBRF2	0	26	26	0	26	0
PBRF1	1	16	15	1	15	0
PBMR1	22	16	-6	2	14	20
PPMC1	0	0	0	0	0	0
PBPC2	1	0	-1	0	0	1
PMMC2	0	10	10	0	10	0
PBPM1	10	20	10	10	10	0
PPCP1	7	14	7	5	10	1
PPJSA1	0	0	0	0	0	0
PBPC1	0	0	0	0	0	0
PMMC1	0	14	14	0	14	0
PBCB1	0	0	0	0	0	0
PAJA1	0	2	2	0	2	0
PBAD2	0	7	7	0	7	0
Total	42	128	86	18	111	23
Média	2.8	8.5	5.7	1.2	7.4	1.5

Se olharmos agora para os empréstimos mantidos, adicionados e removidos no processo tradutório, veremos que, em ambas as direções linguísticas, os tradutores tendem a preservar as palavras estrangeiras presentes nos originais, acrescentar mais algumas palavras estrangeiras, e remover quase nenhuma. No entanto, na amostra analisada há duas traduções que se demarcam - o EURZ1 e o PBMR1 - porque em ambos os casos há um número considerável de palavras estrangeiras nos originais que não foram preservadas na tradução. Uma análise mais pormenorizada desses textos revela que o original inglês EURZ1 contém muitos empréstimos do português que acabaram por se

esvair na tradução para português, enquanto o original português PBMR1 contém empréstimos do inglês que também se dissiparam na conversão do texto para inglês. A seguir, apresento mais detalhes sobre a distribuição dos empréstimos por língua.

3.3. Distribuição dos empréstimos por língua

É possível obter uma panorâmica mais completa do uso das palavras estrangeiras nos textos literários traduzidos e não traduzidos se olharmos também para as línguas de empréstimo utilizadas. Os Quadros 7 a 10 resumem os resultados da distribuição dos empréstimos por língua.

Quadro 7 – Distribuição das línguas de empréstimo em português original.

ID TO-PT	Línguas			
	Fr	En	Lt	De
PPJS1	1			
PBRF2				
PBRF1	1			
PBMR1	1	21		
PPMC1				
PBPC2		1		
PMMC2				
PBPM1			10	
PPCP1	1		5	1
PPJSA1				
PBPC1				
PMMC1				
PBCB1				
PAJA1				
PBAD2				
Total	4	22	15	1
Textos	4	2	2	1

3.3.1 Línguas de empréstimo em português original

Foram utilizados empréstimos de quatro línguas estrangeiras nos originais em língua portuguesa. Por ordem de frequência, utilizou-se o inglês, o latim, o francês e o alemão. No entanto, os empréstimos foram usados em apenas quatro textos e, no cômputo geral, nenhuma das línguas de empréstimo se sobressai.

3.3.2 Línguas de empréstimo em português traduzido

Os textos traduzidos para português da amostra em análise contêm empréstimos de quinze línguas diferentes, prevalecendo de longe o inglês, a língua dos textos-fonte. A seguir ao inglês, a segunda língua de empréstimo mais em evidência é o francês. Verificou-se, por fim, uma presença não negligenciável de empréstimos do latim, italiano, espanhol e alemão distribuída por vários textos.

Quadro 8 – Distribuição das línguas de empréstimo em inglês original.

ID TO-EN	Línguas													
	Fr	Lt	Es	It	De	Gr	Af	He	Pt	Haw	Jp	Zh	as*	ob*
EURZ1			5					98	14					
EBJT2	1		18											
EBDL1	11	1	1	3		2								
EBJT1														
EBDL3	4				1						1			
EBDL5	2									14				1
ESNG2	1				1		2					1	1	
EBDL2	10	3				1								
EBJB2	55	10		1										
EBDL4	4	4		4										
EBJB1	28	2	1	1										
ESNG3	1						1						11	
ESNG1		2		2										
Total	117	21	25	11	2	3	3	98	14	14	1	1	12	1
Textos	10	6	4	5	2	2	2	1	1	1	1	1	2	1

as* : língua não especificada da África do Sul.
ob* : palavra de origem obscura.

Quadro 9 – Distribuição das línguas de empréstimo em português traduzido.

ID TT-PT	Línguas														
	En	Fr	Lt	It	Es	De	He	Af	Haw	Gr	Jp	Cz	Zh	Yi	as*
EURZ1					5		145								
EBJT2	17	4	1		14								1		
EBDL1T2	129	14	4	5	1					2					
EBDL1T1	85	36	2	5						2					
EBJT1	27	19		1	1						1			5	
EBDL3T1	17	7	2			1					1				
EBDL3T2	34	6	1			1									
EBDL5	35	19		1					19			1			
ESNG2	25	5		1		1		23					1		2
EBDL2	33	19	7	1		1						1			
EBJB2	13	59	9	1											
EBDL4	15	17	3	4		1									
EBJB1	5	30	3	1	1										
ESNG3	40	3						1							13
ESNG1			2												
Total	475	238	34	20	22	5	145	24	19	4	2	2	2	5	15
Textos	13	13	10	9	5	5	1	2	1	2	2	2	2	1	2

as* = língua não especificada da África do Sul.

Quadro 10 – Distribuição das línguas de empréstimo em inglês traduzido.

ID TT-EN	Línguas								
	Fr	Pt	Es	Lt	mç*	De	It	Yi	Ru
PPJS1	3								
PBRF2	4	7	1	3		2	7	2	
PBRF1	15								1
PBMR1	15	1							
PPMC1									
PBPC2									
PMMC2		5			5				
PBPM1		10		10					
PPCP1	5		2	6		1			
PPJSA1									
PBPC1									
PMMC1		5			9				
PBCB1									
PAJA1		1	1						
PBAD2	1	6							
Total	43	35	4	19	14	3	7	2	1
Textos	6	7	3	3	2	2	1	1	1

mç* = língua não especificada de Moçambique.

3.3.3 Línguas de empréstimo em inglês original

Os originais em língua inglesa em análise incluem empréstimos de treze línguas conhecidas, com uma preferência assinalável pelo francês em termos de frequência e distribuição por texto. Verificaram-se também muitos empréstimos do hebraico, mas concentrados todos no mesmo texto.

3.3.4 Línguas de empréstimo em inglês traduzido

As traduções para inglês exibem empréstimos provenientes de oito línguas. É interessante notar que a maioria deles vem do francês, e não do português, a língua-fonte.

3.3.5 Cruzamento dos resultados

Ao cruzarmos os resultados acima, fica claro que os originais ingleses (Quadro 10) utilizaram mais línguas de empréstimo do que os originais em português (Quadro 9). Através dos Quadros 11 e 12, vê-se que as traduções para português foram mais permeáveis à língua dos textos-fonte do que as traduções para inglês. Se calcularmos os valores relativos, verifica-se que nas traduções para português há 11,4 empréstimos do inglês para cada 10 mil palavras, enquanto nas traduções equivalentes para inglês há apenas 1,1 empréstimos do português. Embora o inglês seja a principal língua de empréstimo do português traduzido, o inglês traduzido não comporta muitos empréstimos do português.

O que os dois sub-corpora de traduções têm em comum é que, excluindo-se a língua dos originais que lhes deram origem, o francês é a língua de empréstimo mais frequente em ambos. Num segundo lugar distante encontra-se o latim.

Ao comparar o português original (Quadro 9) com o português das traduções (Quadro 11), verifica-se que o português traduzido tolera mais empréstimos e empréstimos de um número maior de línguas. Embora nenhuma língua de empréstimo prevaleça nos originais em língua portuguesa, nas traduções para português o que mais se nota são os empréstimos do inglês e do francês.

Se cruzarmos os Quadros 10 (inglês original) e 12 (inglês traduzido), veremos que as traduções inglesas introduzem menos línguas de empréstimo do que o inglês original. No entanto, em ambos os sub-corpora, o maior número de empréstimos vem do francês e a presença do espanhol é também bastante visível. O português, contudo, aparece quase que apenas nas traduções do português e só está presente em um original em língua inglesa. Se olharmos mais detalhadamente para esse original, constata-se que a ação do livro se desenrola em Portugal e o seu autor é um americano radicado no Porto.

Olhando concomitantemente para os resultados apresentados nos Quadros 9 (português original) e 12 (inglês traduzido do português), verifica-se que no processo de tradução os textos adquiriram mais empréstimos e mais línguas de empréstimo: havia apenas quatro línguas de empréstimo nos originais em português, que se converteram em nove línguas de empréstimo nas traduções para inglês. Nota-se que os originais portugueses afrancesaram-se na tradução para inglês, ao ponto de os empréstimos do francês serem mais frequentes do que os empréstimos do próprio português de origem.

Por fim, nos Quadros 10 (inglês original) e 11 (português traduzido do inglês), constata-se que as traduções para português mantiveram os empréstimos presentes nos textos-fonte e anglicizaram os textos através de inúmeros empréstimos do inglês de origem. As traduções portuguesas também aumentaram o número de empréstimos do francês originalmente presentes nos textos-fonte e a única língua estrangeira que diminuiu a sua presença nas traduções foi o espanhol.

4. DISCUSSÃO

As análises levadas a cabo neste trabalho revelaram que os empréstimos são usados de maneira bastante diferente nos originais e traduções de textos literários em português e inglês. Os textos menos receptivos aos empréstimos foram os originais em língua portuguesa, enquanto as traduções para português foram os textos que mais usaram

palavras estrangeiras. Enquanto os primeiros exibem um número muito reduzido de empréstimos de apenas quatro línguas, os segundos estão pontilhados de empréstimos provenientes de catorze línguas diferentes. Os originais em inglês e as traduções para inglês diferem muito menos entre si nesse sentido e, ao contrário do português, são os originais e não as traduções inglesas que toleram melhor as palavras estrangeiras.

No entanto, o contraste acima não é indicativo de correntes tradutórias radicalmente opostas, pois tanto os autores de traduções para português como os autores de traduções para inglês triplicaram o número de palavras estrangeiras originalmente presentes nos textos-fonte. Ainda assim, os primeiros usaram mais a língua-fonte do que os segundos. A relativa escassez de empréstimos do português nas traduções para inglês comparada com a abundância de empréstimos do inglês nas traduções para português tanto pode indicar que os autores de traduções para português estão mais preocupados em preservar a cultura da língua-fonte como ser simplesmente sinal de que têm mais dificuldade em encontrar equivalentes linguísticos na língua-alvo.

Há ainda um outro fator que poderá estar por trás destes resultados: os autores de traduções para português estão talvez mais abertos aos empréstimos do inglês porque o inglês é uma língua mundialmente preponderante. O português, por sua vez, é uma língua relativamente exótica para os leitores ingleses, e isso faz com que os tradutores acautelem o uso do português nas traduções para inglês. De fato, essa interpretação reforça a tese de Toury (1995) de que as línguas e culturas minoritárias têm maior tolerância pelas línguas e culturas hegemônicas do que o inverso.

Como o português não é uma língua de empréstimo comum no inglês original, a presença do português no inglês traduzido pode até soar exagerada, conferindo um tom particularmente estrangeiro ao texto. Nas traduções portuguesas, o que mais chamou a atenção foi a presença do espanhol e do italiano, que não aparecem de todo nos originais em língua portuguesa.

Um traço curioso comum às traduções para inglês e para português foi o afrancesamento dos textos (embora nem todos os galicismos presentes nos textos-fonte tenham sido preservados, nas traduções inseriram-se mais do que se removeram palavras francesas). Paradoxalmente, no entanto, o afrancesamento fez com que o inglês traduzido ficasse mais próximo dos inglês original, enquanto o mesmo procedimento fez com que o português traduzido se distanciasse do português original, uma vez que a presença do francês é comum nos originais ingleses mas comparativamente rara nos originais portugueses.

Uma última tendência interessante de se notar foi o uso contrastivo do espanhol por parte dos tradutores ingleses e portugueses. Por um lado, os portugueses mantiveram ou aumentaram o número de empréstimos de todas as línguas representadas nos textos fonte, menos os empréstimos do espanhol. Os ingleses, por outro lado, introduziram o espanhol como língua de empréstimo, ainda que essa língua não tenha sido usada nos textos fonte em português. Uma explicação provável para tal é a semelhança entre o português e o espanhol. Como existem palavras espanholas que são ortograficamente idênticas aos seus equivalentes em português, muitos dos empréstimos do espanhol dos originais ingleses acabam por se esvaír na tradução para português. Dois exemplos desse fenômeno patentes no corpus são *querida* e *salmonetes*. Em contrapartida, os empréstimos do espanhol nas traduções inglesas que não constavam nos textos-fonte portugueses podem ter sido introduzidos na tradução porque o espanhol é uma língua mais conhecida do que o português entre os leitores de língua inglesa.

5. CONCLUSÃO

As discussões sobre o uso de empréstimos por parte dos integrantes de determinada comunidade linguística são frequentemente controversas e muitas vezes têm como base alegações testemunhais sem evidência empírica. Neste trabalho, procurei analisar o uso de empréstimos em originais e traduções de textos literários em português e inglês com base em dados concretos. Graças a um corpus paralelo bidirecional de português e inglês e às ferramentas e técnicas de pesquisa da linguística de corpus, foi possível analisar o uso de palavras estrangeiras nesses textos de um modo sistemático e inédito.

Espero que as observações aqui feitas prestem um pequeno contributo para o nosso conhecimento sobre o uso de empréstimos na tradução literária. Os nossos dados levam a crer que: (a) existe uma tendência para a tradução aumentar o número de empréstimos já existentes no texto-fonte; (b) a sobreposição de línguas do texto-fonte tende a ser preservada na tradução, a menos que a língua dos empréstimos seja a mesma que a da tradução; e (c) não é tanto a quantidade de empréstimos, mas sim as línguas de empréstimo utilizadas que são afetadas pela diferença de estatuto entre a língua-fonte e a língua-alvo.

Por fim, para um aprofundamento deste estudo, no futuro será necessário traçar novas comparações, baseadas em mais textos, de mais autores e mais tradutores, possivelmente estendendo o leque da análise de modo a incluir também mais gêneros linguísticos e outros pares de línguas.

REFERÊNCIAS

- Booij, G. (2001). English as the lingua franca of Europe: a Dutch perspective. *Lingua e Stile*, 36, 351-361.
- COMPARA. (version 6.0). Retrieved from <http://www.linguateca.pt/COMPARA/>.
- Frankenberg-Garcia, A., & Santos, D. (2001). COMPARA, um corpus paralelo de português e inglês na Web. *Cadernos de Tradução IX*. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, BR, 61-79.
- Frankenberg-Garcia, A., & Santos, D. (2003). Introducing COMPARA: the Portuguese-English Parallel Corpus. In F. Zanettin, S. Bernardini, & D. Stewart (Eds.), *Corpora in Translator Education* (pp. 71-87). Manchester, UK: St. Jerome.
- Newmark, P. (1988). *A Textbook of Translation*. London, UK: Prentice Hall.
- Schleiermacher, F. (1813/2004). On the Different Methods of Translating. In L. Venuti (Ed.) *The Translation Studies Reader* (pp. 43-63). London, UK and New York, US: Routledge.
- Toury, G. (1995). *Descriptive Translation Studies – and Beyond*. Amsterdam, NL and Philadelphia, US: John Benjamins.
- Venuti, L. (1995). *The Translator's Invisibility: a History of Translation*. London, UK and New York, US: Routledge.
- Vinay, J-P., & Darbelnet, J. (1958). *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais: Méthode de Traduction*. Paris, FR: Didier.

Ana Frankenberg-Garcia

PhD in Applied Linguistics (1990). Faculty of Arts/University of Edinburgh. Auxiliary Professor Instituto Superior de Línguas e Administração, Lisboa. Universidade Nova de Lisboa.
Website: <http://anafrankenberg.synthasite.com/>